



TRAJETÓRIAS LGBTQIAP+: relatos de alunos do IFSULDEMINAS campus Poços de Caldas sobre o *Bullying Homofóbico*

Ana Beatriz B. MAXIMO¹; Júlia P. de SOUSA²; Melina M. de SOUZA³; Luciana de A. NASCIMENTO⁴

RESUMO

Vivemos em uma sociedade heteronormativa marcada por movimentos de violência contra pessoas enquadradas como divergentes das expectativas de gênero e sexualidade hegemonicamente aceitas, sendo recorrentes as narrativas de violência presentes nos distintos espaços sociais. Considerando esse contexto, este relato de pesquisa visa a compreender as vivências de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ a partir de dados quantitativos de alunos do IFSULDEMINAS - Poços de Caldas, enfocando sua trajetória escolar e relatos sobre Bullying. Os dados foram coletados por meio de um questionário, adaptado da Pesquisa de Assédio Sexual da AAUW. Os resultados indicam uma prevalência de bullying homofóbico caracterizado principalmente por agressões verbais, como apelidos pejorativos e xingamentos, além da disseminação de mentiras e fofocas. A pesquisa também sugere uma percepção de baixo nível de acolhimento por parte da equipe escolar frente a essas situações, contrastando com um apoio mais frequente entre os próprios estudantes.

Palavras-chave: Homofobia; Educação Básica.

1. INTRODUÇÃO

O *Bullying Homofóbico* é uma problemática enraizada de discriminação e preconceito na escola, cujo impacto se estende à toda comunidade escolar e à sociedade em geral. Embora o *bullying* seja frequentemente descrito como uma violência entre pares caracterizada por intencionalidade em magoar, repetição e poder diferenciado entre os indivíduos envolvidos (Michael Furlong *et al.* 2010), o *Bullying Homofóbico* incorpora, ainda, a violência desumanizadora contra aqueles que não performam uma identidade ou que não têm práticas afetivas e sexuais alinhadas à heteronormatividade (Rogério Junqueira, 2009), criando um ambiente hostil e desafiador para os indivíduos LGBTQIAP+ em seus percursos educacionais.

Justamente, a fim de nomear e buscar explicar processos de violência homofóbica na escola, que, na última década, tem-se utilizado o conceito de *Bullying Homofóbico* (Cheri Pascoe, 2013). Uma pesquisa realizada por Wiliam Peres (2005) apresenta que os segmentos das travestis e das transexuais são os que mais sofrem no convívio escolar, seguidos pelos das lésbicas e dos gays, dentro da sigla LGBTQIAP+. Para Junqueira (2009), é fundamental que os educadores assumam a responsabilidade de abordar o assunto de forma aberta e empática, promovendo o bem-estar e o respeito entre os alunos, considerando que o *bullying* não se trata apenas de um problema educacional, mas também saúde pública e social (Jackeline Souza, 2013).

No cotidiano escolar, é possível observar uma série de práticas e abordagens que estão ligadas aos processos sociais de diferenciação e distinção, os quais influenciam diretamente na formação e

no desempenho social dos alunos. Essas práticas permeiam e afetam todos os aspectos do conjunto de conhecimentos e atividades que compõem o currículo (Tomaz Silva, 2006).

Diante da problemática, surge a necessidade de pesquisas como a aqui relatada, cujo objetivo é compreender as vivências de pessoas LGBTQIAP+ enfocando as diferentes incorporações de *Bullying Homofóbico* que os alunos do IFSULDEMINAS campus Poços de Caldas-MG, vivenciaram em sua jornada na Educação Básica. Para tanto, são nossos objetivos específicos: Investigar a ocorrência de *bullying* homofóbico durante o período escolar desses alunos; caracterizar o *bullying* homofóbico e o acolhimento percebido ou presenciado por eles; e propor estratégias de prevenção para mitigar o *bullying* homofóbico no ambiente escolar.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa desenvolvida tem natureza empírica com coleta e análise de dados em uma abordagem quantitativa que, conforme Bernardete Gatti (2002), permite mensurar fenômenos e atribuir significados a esses a partir de sua magnitude (quantitativa). Para coleta de dados, foram elaborados questionários, via Google Formulários, a partir de adaptações da Escala de Alvos e de Agentes de Conteúdo Homofóbico e da Pesquisa de Assédio Sexual da AAUW, enfocando-se em perguntas referentes aos alvos de *bullying* homofóbico (Poteat e Espelage , 2005).

O formulário eletrônico foi divulgado nas redes sociais e por meio de panfletos contendo QR *Code* para acesso, que foram colados no *campus*, obtendo-se 14 participantes. Poderiam participar da pesquisa os estudantes dos cursos Superiores e Técnicos subsequentes, a fim de restringir as respostas àqueles que já fossem maiores de idade. Os dados foram tabulados por meio de gráficos gerados pelo Google Formulários e Google Planilhas e analisados a fim de quantificar a ocorrência de *Bullying Homofóbico* e de acolhimento vivido ou presenciado pelos participantes da pesquisa durante a Educação Básica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que a maioria dos participantes eram brancos (64,3%), o que, segundo Silva *et al.* (2024), reflete o menor acesso de outras etnias às universidades públicas no Brasil, resultado de desigualdades históricas (Gisi, 2006). A maioria foi de mulheres (63,4%), com 42,9% de heterossexuais, 14,3% de lésbicas, 21,4% de gays e 21,4% de bissexuais. Nenhuma pessoa assexual respondeu o questionário, sendo que todos os respondentes se declararam cisgênero. A análise sociodemográfica, incluindo escolaridade e sexualidade, é crucial para compreender o *bullying* homofóbico (Collins, 1990), visto que a interseccionalidade (gênero, orientação sexual e raça/etnia) modula a vulnerabilidade à violência.

A metodologia de divulgação digital, como o uso do WhatsApp, pode ter influenciado a

concentração de respondentes de cursos de licenciatura, como Geografia (50%) e Ciências Biológicas (35,7%) que estavam em grupos nos quais a pesquisa foi divulgada.

Entre as vítimas de *bullying* homofóbico, os tipos mais comuns de agressão foram colocar apelidos, xingar ou rir (33,3%) e contar mentiras e tentar fazer com que outros não gostassem da vítima (33,3%). Agressões físicas e ameaças foram menos frequentes (22,2%). Muitos sofreram boatos, fofocas e olhares intimidadores, embora a maioria não tenha relatado agressões verbais diretas. Nenhum participante mencionou posts homofóbicos em redes sociais, o que pode estar ligado ao período anterior ao uso massivo dessas plataformas.

Os resultados sugerem uma omissão institucional das escolas no acolhimento de vítimas, com a maioria dos respondentes afirmando nunca (40%) ou raramente (40%) terem sido acolhidos por profissionais, corroborado por relatos como o de uma travesti expulsa após abuso (Peres, 2009). O acolhimento por diretores ou professores foi mínimo (20%), e a falta de acolhimento por colegas e amigos também foi significativa.

Para os participantes que presenciaram *bullying* homofóbico, 38,5% viram um amigo ou colega sofrer, sendo a prática mais comum a de colocar apelidos e xingar (83,3%), frequentemente por meninos (54,5%), o que está alinhado com os estudos de Bouth e Sousa (2011). Vítimas frequentemente sofriam agressões verbais, boatos, olhares intimidadores e isolamento. Embora a equipe escolar não tenha sido vista oferecendo acolhimento, houve algum apoio de colegas e amigos, mas em baixo percentual.

5. CONCLUSÃO

Através deste estudo é possível concluir que o *bullying* homofóbico é uma realidade presente no ambiente escolar. Os principais tipos de agressão são verbais e de exclusão social. Há uma preocupante falta de apoio institucional das escolas às vítimas, que encontram mais acolhimento em amigos.

Ainda que não tenhamos alcançado um espaço amostral significativo, a pesquisa sugere que esse *bullying* é um problema social profundo, enraizado na heteronormatividade e em preconceitos internalizados. Portanto, é urgente implementar ações concretas como educação para a diversidade e programas de combate ao preconceito, além de capacitar profissionais para criar um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo. Mais pesquisas com amostras maiores são essenciais para entender melhor o fenômeno e a eficácia das intervenções.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao NIPE - Núcleo Institucional de Pesquisa e Extensão, pelo fomento para a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOUTH, Raimundo Nonato de Souza; SOUSA, Vanesa Souza de. Bullying: A Intensidade e Frequência Da Prática Relacionados Com o Gênero Do Autor. **Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 29-60, julio 2011. ISSN 2225-5117. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4005765.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 1990. Disponível em: <<https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/patricia-hill-collins-black-feminist-thought.pdf>> . Acesso em: 23 jun. 2025.

ELIPE, Paz; MUÑOZ, María de la Oliva; REY, Rosario del. Homophobic Bullying and Cyberbullying: Study of a Silenced Problem. **Journal of Homosexuality**, [S. l.], v. 65, n. 5, p. 672–686, 2018. DOI: 10.1080/00918369.2017.1333809. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28569622/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

FURLONG, Michael, et al. Bullying assessment: A call for increased precision of self-reporting procedures. In: JIMERSON, Shane R.; STORCH, Eric A.; ESPELAGE, Dorothy L. (Eds.). **The international handbook of school bullying**. Nova Iorque: Routledge, 2010.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/263812802/A-Construcao-Da-Pesquisa-Em-Educacao-No-Brasil-Gatti> . Acesso em: 9 abr. 2025.

GISI, Maria Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência = L'Éducation Supérieure au Brésil et le caractère d'Inégalité de l'accès et de la permanence. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 17, p. 97-112, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/6740/6638> . Acesso em: 9 abr. 2025.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **UNESCO**, 2009. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

PASCOE, Cheri Joe. Notes on a sociology of bullying: Young men's homophobia as gender socialization. **QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking**, [S. l.].

Poteat VP, Espelae DL. Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: the homophobic content agent target (HCAT) scale. **Violence Vict.** 2005 Oct;20(5):513-28. PMID: 16248488. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16248488/> . Acesso em: 22 de junho de 2025.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. 2005. 201 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/4713>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SILVA, C. S. E.; VILELA, E. M.; OLIVEIRA, V. C. Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. **Educação e Pesquisa**, v. 50, e264614, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 4, p. 149–162, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v4i0.83. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/83> . Acesso em: 7 set. 2024.

SOUZA, Jackeline Maria De. **Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar**. 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/6013>. Acesso em: 6 jan. 2025.